



RESENHA

CONTRADIÇÕES URBANAS NA SOCIEDADE CAPITALISTA: UMA BREVE ANÁLISE DE "A CIDADE" DE ANA FANI ALESSANDRI CARLOS

URBAN CONTRADICTIONS IN CAPITALIST SOCIETY: A BRIEF ANALYSIS OF "THE CITY" BY ANA FANI ALESSANDRI CARLOS

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. 3ª edição. São Paulo: Contexto, 1997. 98p.

Larissa Cristina Figueiredo Ramiro – UEL – Londrina – Paraná – Brasil
Larissafig97@gmail.com

RESUMO

O capitalismo é o grande responsável pela paisagem urbana atual: uma paisagem segregada, que mantém nos locais de alto padrão as classes dominantes e nos locais periféricos àqueles que não podem pagar pelo solo urbano. As contradições, lutas de classe e o desenvolvimento deste espaço urbano estão totalmente atrelados a este grande condicionante, que é o poder do capital. Na obra "A Cidade", Ana Fani Alessandri Carlos discute essas questões e algumas outras que são de imensa relevância à Geografia Urbana. A autora discute que o surgimento das cidades tem relação com os processos migratórios, que ocasionaram o êxodo rural. Porém, a cidade não foi capaz de comportar todos os indivíduos que estavam realizando este deslocamento do rural para o urbano. Discute ainda a velocidade com que a paisagem e as relações se transformam no espaço urbano. Concluindo, trás à tona a influência dos processos históricos na constituição do espaço urbano atual e discute que as relações sociais urbanas precisam sempre estar associadas à luta de classes.

Palavras-chave: Urbanização; Espaço Urbano; Segregação socioespacial.

ABSTRACT

Capitalism is largely responsible for the current urban landscape: a segregated landscape, which keeps the dominant classes in high-standard places and those who cannot afford urban land in peripheral places. The contradictions, class struggles and the development of this urban space are totally linked to this great conditioning factor, which is the power of capital. In the work "The City", Ana Fani Alessandri Carlos discusses these issues and some others that are of immense relevance to Urban Geography. The author discusses that the emergence of cities is related to migratory processes, which caused the rural exodus. However, the city was not able to accommodate all the individuals who were making this move from rural to urban. It also discusses the speed with which the landscape and relationships transform in urban

space. In conclusion, it highlights the influence of historical processes in the constitution of current urban space and discusses that urban social relations must always be associated with the class struggle.

Keywords: Urbanization; Urban Space; Socio-spatial segregation.

Ana Fani Alessandri Carlos destaca-se como uma grande pesquisadora na área da Geografia Urbana e o principal escopo de suas pesquisas é a compressão da cidade e as relações sociais pertencentes a este espaço. Em sua obra “A Cidade”, publicada pela editora Contexto, busca justamente trazer essas reflexões à tona.

Em uma perspectiva histórica, a autora destaca que há três origens principais para as cidades: a indústria, a cultura e o comércio. Segundo a autora, no momento em que o homem fixa-se em um local e deixa de ser nômade, a cidade começa a se formar. Ao longo do tempo, as moradias vão se alterando, passando de barracos para construções de barro e rochas. As comunidades iniciais se encontravam próximas a rios, pois a água era muito utilizada, principalmente porque a agricultura era a atividade em destaque no período. Na época feudal, com os burgos, nasce um conceito de cidade mais voltado ao comércio, e passa-se então a ter duas fontes principais de riqueza: a terra e o comércio. Ao passo que essas características vão se desenvolvendo, surgem as indústrias, que concentram também grande renda. O Estado passa a exercer um papel de controlar e monopolizar a produção e circulação de mercadorias.

A autora reforça a ideia de que o surgimento das cidades está atrelado ao processo migratório, onde muitas pessoas saem do campo e vão buscar uma vida mais digna no ambiente urbano. Porém, a cidade não oferece condições iguais para todos, e aqueles que não podem pagar pelo preço do solo urbano nas áreas centrais ou de alto padrão, acabam ocupando áreas periféricas e às margens da cidade.

Carlos (1997) discute que a cidade apresenta uma organização sistêmica, normalmente dividida em bairros ricos e pobres: a classe alta ocupa normalmente regiões centrais ou regiões mais afastadas – porém residindo em condomínios fechados, e a classe baixa é deixada às margens da sociedade, normalmente ocupando bairros mais periféricos ou até mesmo locais irregulares.

A autora cita também o conceito de heterogeneidade, realçando o contraste entre os mais diversos bairros da cidade: “Por um lado, a favela – nos terrenos onde não vigora a propriedade privada da terra, portanto terrenos públicos ou em litígio; [...] de outro, os apartamentos da classe média e os de alto padrão com áreas de 1000m²; [...]” (Carlos, 1997, p.22).

Quanto ao conceito de cidade, Carlos (1997) a descreve como uma paisagem construída. Diz ainda que se trata de “Uma paisagem cinza, onde o verde cede lugar aos prédios, casas, ruas, tudo parecendo estar coberto por uma nuvem de poluição.” (Carlos, 1997, p.11). A cidade reflete as vontades do capital e suas relações. Um claro exemplo de que a cidade não demonstra importância para com aqueles que não são detentores de grande poder aquisitivo é o fato de que os indivíduos que constroem a cidade – a classe trabalhadora, raramente é lembrada pela classe dominante.

A autora busca refletir sobre algumas concepções de cidade, trazendo diversas abordagens; “Para Ratzel uma cidade é uma reunião durável de homens e habitações que cobre uma grande superfície e se encontra no cruzamento de grandes vias comerciais. Já para Wagner, as cidades são pontos de concentração do comércio humano. [...]” (Carlos, 1997, p.68). A autora enfatiza também que o espaço urbano produz a luta de classes, através de relações sociais contraditórias, geradas pelo capital.

Carlos (1997) discute as relações geradas pelo capital, que dão origem às classes sociais. O geógrafo, segundo a autora, deve refletir sobre essas relações entre o espaço urbano e o processo de transformação do homem em máquina, que são frutos da ação do capital.

Segundo a autora, as relações nesse ambiente urbano são fragmentadas, rápidas, momentâneas, podendo relacionar-se com conceitos estudados por Bauman, que indicam que na sociedade atual tudo é líquido, inclusive as relações – tudo começa e termina de modo repentino. A cidade estabelece grande relação com o tempo, com a aceleração. Carlos apresenta este aspecto ao dizer que “A grande metrópole ‘funciona’ vinte e quatro horas por dia, o ritmo é diferente do ritmo do relógio biológico. O tempo aqui é diferente daquele do campo.” (Carlos, 1997, p.15). Além disso, a autora cita também o distanciamento da natureza, tudo se torna tecnológico e urbanizado. A cidade

torna-se verticalizada com o surgimento dos edifícios, cada vez mais elitizados e com padrões de arquitetura rebuscados, e as relações das pessoas começam a ocorrer cada vez mais dentro de suas casas e empregos, sem espaço para o lazer ao ar livre, por exemplo.

Com o advento da tecnologia, a relação entre as pessoas tornou-se ainda mais mecanizada, visto que pelos *smartphones* ou computadores é possível realizar chamadas de vídeo, trocar mensagens, verificar as redes sociais de todos ao redor e agilizar demandas de trabalho, como reuniões, e-mails e pagamentos bancários.

Carlos (1997) apresenta a definição de paisagem, e ressalta que a paisagem atual guarda lembranças do passado, podendo esse conceito ser relacionado ao de rastro urbano, que trata justamente desses usos anteriores da cidade, da vivência e representação da cidade em tempos remotos. Além disso, a autora diz que há uma diversidade muito grande de paisagens dentro da mesma cidade: cada bairro apresenta um tipo de paisagem. E também cada ambiente pode desenvolver várias paisagens, pois cada observador verá o local sob uma perspectiva, e alguns elementos se alteram no decorrer do dia (como por exemplo, nos horários de pico observa-se uma paisagem com maior número de carros).

Ao analisar a paisagem urbana deve-se sempre levar em conta o caráter socioeconômico do local, pois este é imprescindível na formação da mesma. Além disso, o cotidiano na cidade é importante para caracterização da identidade de cada indivíduo, pois mesmo sendo um ambiente plural, cada pessoa apresenta suas particularidades, segundo Carlos (1997).

A cidade é a materialização do capitalismo. É nesse ambiente que se desenvolvem as relações de trabalho, as lutas de classe e a circulação das mercadorias. Segundo a autora, “O uso do solo tem sido analisado a partir da classificação fundamental nos setores de atividades (industrial e comercial) e no residencial.” (Carlos, 1997, p.47). O espaço, nessa sociedade, torna-se também mercadoria: é necessário pagar pelo terreno, pela casa e pagar até mesmo para utilizar as vias de circulação. Trazendo essa situação para a realidade do município de Londrina, no estado do Paraná, local em que reside a autora deste trabalho, nota-se que o valor de determinadas áreas é maior,

concentrando assim a classe alta em determinados pontos – como é o caso da Gleba Palhano, Bela Suiça, Centro e condomínios horizontais localizados na porção Sul do município, próximo ao fim do perímetro urbano. Já as classes com menor poder aquisitivo localizam-se normalmente nos bairros mais periféricos e nos conjuntos habitacionais, afastados do centro e das áreas mais ricas.

Quanto a valorização do espaço urbano, Carlos (1997) retrata o processo de adensamento e verticalização das cidades – sendo essa também uma realidade do município de Londrina, em que o número de edifícios vem crescendo consideravelmente, e a especulação imobiliária produz justamente o solo enquanto mercadoria.

Embora a cidade seja um espaço de luta, o capital muitas vezes não deixa que determinadas classes se manifestem. Quanto a isso, “Cabe ao Estado, dentro da lógica do sistema capitalista, garantir a reprodução do capital, gerenciando conflitos que possam interferir na realização do ciclo do capital, seja produzindo infraestrutura, seja controlando salários de modo a mantê-los baixos, etc.” (Carlos, 1997, p.85).

Ao analisar a cidade, devem-se analisar os processos históricos que ali ocorreram e também as relações sociais que se desenvolvem, pois é isso que gera o espaço. A autora ressalta que “É importante salientar que o espaço urbano se reproduz na contradição/luta” (Carlos, 1997, p.92). De fato, o espaço é gerado por essa relação, pois somente reagindo ao capital é que há a possibilidade de se conseguir direitos iguais. É necessário ir contra o poder disseminado pelo capitalismo, onde há essa divisão de classes, pois dentre elas há sempre uma menos favorecida, e esta nunca é a de alto poder aquisitivo que reside em bairros de alto padrão.

REFERÊNCIA

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. 3ª edição. São Paulo: Contexto, 1997. 98p.

Larissa Cristina Figueiredo Ramiro – Mestranda em Geografia pelo Programa de Pós Graduação em Geografia (PPGEO) da Universidade Estadual de Londrina. Especialista em Ensino de Geografia pela Universidade Estadual de Londrina (2023). Graduada em Geografia Licenciatura (2021) e Bacharelado (2022) pela Universidade Estadual de Londrina. Atualmente, dedica-se à pesquisas no campo da Geografia Física, análise ambiental e unidades de conservação urbanas.

Recebido para publicação em 19 de dezembro de de 2023.

Aceito para publicação em 30 de março de 2024.

Publicado em 31 de março de 2024.